

Teatro Renascer: Diário de Bordo

Carmela Corrêa Soares

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio

Mestre em Teatro

Professora do Departamento do Ensino do Teatro

Resumo: Relato sobre o Teatro Renascer, formado por pessoas idosas e processo artístico-pedagógico construído ao longo de cinco anos. Investigação de metodologia teatral fundada no desenvolvimento da capacidade de jogo e presença cênica dos participantes. Antes de forjar uma teatralidade vinda do exterior, exploramos a teatralidade inscrita nas dobras e história do corpo do idoso. Teatro de celebração da própria existência e afirmação da vida. Reunindo jovens alunos da licenciatura em teatro da Unirio, como facilitadores, o Teatro Renascer permite o diálogo entre gerações distintas, desconstruindo ideias preconcebidas sobre a velhice. À maneira de um *collage*, fragmentos de teatralidade, revelados no interior das oficinas, dão forma à encenação, cuja fronteira entre ator e espectador é flexível.

Palavras-chave: teatro, pedagogia, terceira idade

Neste artigo apresento um breve relato sobre a formação do *Teatro Renascer* e a criação da sua primeira aula-encenação. Aponto, também, os procedimentos teatrais utilizados no trabalho com o grupo.

Tão logo assumi a função de professora do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, o convite para conduzir um processo teatral com a terceira idade, feito pelo professor Luciano Maia, chegou-me de surpresa. Dois alunos, Inês Petereit e Fábio Fortes se juntaram a mim nesta iniciativa.

Numa tarde de março de 2005, adentramos o refeitório do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, onde se encontravam reunidos cerca de 100 idosos, a maioria de cabelos grisalhos e longo sorriso. Até hoje me lembro da atmosfera de alegria e entusiasmo que contagiava o ambiente. O desafio, naquele momento, era o de conduzir uma oficina de teatro para tantas pessoas reunidas ao mesmo tempo. Tínhamos como objetivo mobilizar os idosos a formarem um grupo de teatro. O primeiro exercício foi um jogo de apresentação, feito de forma bastante simples. Colocamo-nos em roda. A pessoa dizia o seu nome e passava a bola para o parceiro ao lado, desejando-lhe algo. Já neste jogo, um estranhamento ocorreu. Ao lado de jargões idealizados de felicidade e amor, uma senhora ao meu lado desejou a outra um carro com chofer. Nada mais prático e objetivo. Neste momento, percebi que se desejávamos trabalhar com o idoso, seria necessário o exercício da alteridade. Como nos colocar no lugar do outro e perceber as suas necessidades particulares? Seria necessário desconstruir as ideias e lugares comuns sobre o velho e a velhice. Como o teatro em sua dimensão artística e pedagógica pode ser um elemento transformador dos sujeitos envolvidos na experiência teatral? Por outro lado, como auxiliar os próprios idosos a transpor uma ideia vitimizada sobre a velhice e potencializar mudanças

sociais a partir da afirmação e do fortalecimento da identidade dos próprios sujeitos? Estes pressupostos estão nas bases do Teatro-Comunidade e fizeram do *Teatro Renascer*, ao longo dos anos, um coletivo de sujeitos que pensa o seu papel transformador e sua importância na vida em sociedade.

Nossa primeira oficina continuou num clima de alegria e contou com participação ativa dos idosos que se divertiam com os jogos propostos. A partir daquela dinâmica inicial, apareceram, no dia marcado para a oficina, 10 senhoras animadas e dispostas a enfrentar o desafio de fazer teatro. Não havíamos definido, ainda, um caminho a seguir com o grupo. Desejávamos apenas conhecê-los e, a partir dali, identificar possíveis trajetórias teatrais.

Assim, começamos o trabalho com a condução de jogos simples. Paralelamente, cantigas de rodas populares foram aparecendo como sugestões vindas do próprio grupo. Desde então, o canto e a dança em roda tornaram-se parte integrante dos procedimentos teatrais utilizados para abrir ou fechar as oficinas e, ainda, como parte das aulas-encenações. Este procedimento facilita a integração, gera intensidade, assim como atribui o caráter de festa ao acontecimento teatral. Como resultado desta pesquisa inicial, reconstruímos com elas um repertório de cantigas e danças populares apresentado em praça pública na I Feira Interdisciplinar de Saúde e Envelhecimento no ano de 2005.

A tradição das cantigas de rodas populares, abandonadas pelas gerações mais novas, principalmente, nos grandes centros urbanos, colocou para o grupo um novo objetivo: fazer do *Teatro Renascer* local de troca e diálogo entre gerações distintas. Desejamos, a partir de então, criar situações teatrais capazes de provocar a aproximação social entre idosos e pessoas de outras gerações. A presença dos alunos da licenciatura, na sua maioria jovens, com acervo cultural, habilidades e experiências diversas também reforçou este caráter.

O *Teatro Renascer* não é uma ação direcionada apenas para o idoso, mas um teatro que se constrói a partir deste intercâmbio vivo entre idosos e jovens universitários. A participação dos universitários no *Teatro Renascer* acontece nas múltiplas dimensões, pedagógica e artística. Eles são os facilitadores do processo teatral, os encenadores, como também, atores em jogo que entram para dividir a cena com os idosos, ora como parceiros, ora como condutores da ação lúdica. Desta forma o *Teatro Renascer* deixa de ser um teatro feito apenas para os idosos, mas é um local de aprendizado dos múltiplos sujeitos envolvidos nesta ação.

Apesar do projeto nascer de uma iniciativa extensionista, tornou-se logo um projeto de pesquisa. Assim foi criado um laboratório de estudo para pesquisar metodologias teatrais apropriadas ao contexto da terceira idade e conhecimentos sobre a área do envelhecimento.

A pesquisa surgiu associada a dois focos de interesses. Primeiro, à resposta positiva do grupo aos exercícios de yoga e segundo, às histórias de vida compartilhadas, constantemente, pelos participantes. Estas histórias constituíram a base do material dramaturgico a ser jogado teatralmente pelo grupo. As histórias foram desencadeadas e selecionadas, num primeiro momento, segundo a lógica e a sequência dos chakras ou centros de energia, estudados pelo Yoga.

A opção pelo yoga passou, também, pela preocupação com a saúde e o cuidado com o corpo do idoso. Era notável a modificação dos humores no transcorrer das oficinas. As queixas iniciais em relação a dores e problemas de saúde, trazidas no início do dia, eram superadas pela alegria e vivacidade experimentadas durante o processo.

Procurando associar procedimentos teatrais à noção dos centros de energia do corpo, trabalhamos, de início, sobre o primeiro chakra, conhecido como *muladhara*, situado na base da coluna. Seu órgão de ação são os pés. Ele representa o chakra da raiz, da ancestralidade e, por sua vez, está relacionado ao instinto de sobrevivência. Os pés são, também, aqueles que nos conduzem ao nosso destino. Assim como a maioria das raízes de uma árvore se contorcem ao penetrar a terra, os pés trazem as marcas e o esforço de sua trajetória de vida. Queríamos, deste modo, revelar a beleza e a teatralidade contidas nos contornos e dobras dos pés dos próprios idosos, marcados pelo tempo e pela sua história. Desejávamos que os idosos descobrissem a força de sua história construída através de seus próprios pés.

Outro motivo, também, encontrado para trabalhar os pés era de caráter preventivo e funcional. Pesquisas recentes na área da saúde revelam que as quedas representam a sexta causa na morte de idosos. Deste modo, a noção dos pés e o andar consciente tornou-se um dos focos do trabalho. Nesta fase, utilizamos jogos teatrais que permitissem aos participantes descobrir a expressividade e a teatralidade dos pés, assim como caminhadas conscientes no espaço, lava-pés, exploração de tapetes sensoriais.

O processo criativo com o chakra *muladhara* ou raiz resultou na aula-encenação *Raízes*. O elemento cênico em jogo nesta aula-encenação era uma mala marrom, marcada pelo tempo, que trazia guardada as lembranças antigas das participantes.

A mala é instalada em cena por uma senhora negra, de presença forte, trajando um terno branco à moda dos malandros cariocas, que percorre o palco em diagonal, do fundo em direção a boca de cena. Como uma espécie de *via crucis*, o corpo desta senhora atriz se contorce a cada passo ao peso de tantas lembranças. A mala é colocada sob o do foco de luz branco. Sobre ela, a senhora, num gesto de despedida e pesar, deposita uma rosa vermelha, como quem cerra um jazigo e dentro dele a morte, não mais no seu sentido de finitude, mas no seu curso natural de vida-morte-vida. Esta imagem era dotada de teatralidade e beleza especial e surgiu de jogos de *fisicalização* e exploração do espaço.

As aulas-encenações resultam das histórias e dos jogos teatrais realizados durante as oficinas. Procuramos ao final de cada ano, à maneira de uma colagem, selecionar e costurar os jogos e achados cênicos obtidos no decorrer do processo, de maneira a construir uma cena dotada de sentido e teatralidade, sem a preocupação, no entanto, de estabelecer um enredo ou sequência linear. Como pedagogos e artistas, buscamos apurar o nosso olhar para reconhecer os possíveis traços de teatralidade advindos dos jogos e, a partir daí, construir uma estrutura cênica.

Na primeira aula-encenação, a mala era o portador de memórias. Cada senhora retirava de dentro dela a sua história. – *Hoje tem marmelada. Tem sim senhor!!!* Entoava vibrante uma senhora cujo avô havia sido artista de circo e mascate. Da valise, ela sacava tecidos finos, frascos de perfumes que, num discurso cheio de humor, tentava vender à plateia. A personagem do mascate se mesclava à do palhaço e memórias de pequenos jingles antigos de propaganda eram entoados. A esta, seguiram-se outras lembranças: a da primeira bicicleta e do tombo festejado pelo coro debochado das colegas; o jardim de violetas que semeava a esperança nos momentos de sofrimento. Esta memória foi protagonizada por uma senhora que, vez por outra, *com a voz purificada pela fraqueza* como diria Clarice Lispector (2009), sussurra admirada aos nossos ouvidos: – *Este espaço é sagrado, é um templo. Eu entro aqui e sinto que estou num templo.* Apesar das limitações físicas, esta senhora faz de cada acontecimento teatral uma cena de total entrega. Outra senhora reconta sua chegada à cidade do Rio de Janeiro e à visita a Rádio Nacional. Agora, a mala, transformada em rádio, toca marchinhas de carnaval, momento em que a plateia é convidada a se unir a ela, cantando e dançando. Neste tom de festejo, o público é envolvido na ação cênica, fazendo do teatro local de celebração da vida. “*Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem*” (Estés: 2007). Assim, o desafio do Teatro Renascer é o de poetizar a vida, reconhecendo que a experiência da beleza, a fruição estética da alma, existe nesta dinâmica viva do teatro, entre contração e expansão, dor e alegria, morte e vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

WAUTERS, Ambika. *As várias etapas da autodescoberta: como trabalhar as energias do chakras e dos arquétipos*. São Paulo: Cultrix, 1996.